

Artigo

A pesquisa psicanalítica como método de investigação no campo das infâncias

Amanda Wecker; Isadora Machado; Lisiane Machado de Oliveira-Menegotto

Resumo. Objetiva-se discutir os desafios de conjugar a pesquisa psicanalítica no campo das infâncias, a partir de recortes do arranjo metodológico de duas pesquisas acadêmicas: uma dissertação de mestrado, cujo tema foi a construção de narrativas em imagens a respeito do brincar, realizadas pelas próprias crianças; e uma monografia de conclusão de curso, com tema envolvendo a construção de narrativas infantis a partir do uso de cartas escritas pelas crianças e endereçadas à pesquisadora. Destacamos a importância de que investigações sobre as infâncias sejam desdobradas a partir de uma composição metodológica diversificada, buscando uma abertura e resguardando o lugar de protagonismo da criança, na medida em que contemple suas diferentes formas de expressão, tais como o brincar, a escrita, a superfície do corpo, a palavra e a imagem.

Palavras chave: narrativa; criança; pesquisa psicanalítica; fotoetnografia; escola.

La investigación psicoanalítica como método de investigación en el campo de la infancia

Resumen. El objetivo es discutir los desafíos de combinar la investigación psicoanalítica en el campo de la infancia, a partir de extractos del arreglo metodológico de dos estudios académicos: una disertación de Máster, cuyo tema fue la construcción de narrativas en imágenes sobre el juego, realizada por los propios niños; y una monografía de conclusión del curso, con una temática que involucra la construcción de narrativas infantiles a partir del uso de cartas escritas por niños y dirigidas a la investigadora. Resaltamos la importancia de que las investigaciones sobre la infancia se desarrollen a partir de una composición metodológica diversa, buscando la apertura y protegiendo el lugar de protagonismo del niño, ya que abarca sus diferentes formas de expresión, como el juego, la escritura, la superficie del cuerpo, la palabra y la imagen.

Palabras clave: narrativa; niño; investigación psicoanalítica; foto-etnografía; escuela.

* Psicóloga e psicanalista. Doutoranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social e Supervisora de Estágio no Centro Integrado de Psicologia (CIP) na Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS, Brasil. E-mail: amandawecker@feevale.br

** Psicóloga e psicanalista. Mestra em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS, Brasil. E-mail: isadoramdo@hotmail.com

*** Psicóloga e psicanalista. Professora do curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS, Brasil. E-mail: lisianeoliveira@feevale.br

Psychoanalytic research as a method of investigation in the field of childhood

Abstract. The aim is to discuss the challenges of combining psychoanalytic research in the field of childhood, based on excerpts from the methodological arrangement of two academic researches: a master's dissertation, whose theme was the construction of narratives in images regarding the act of playing, conducted by the children themselves; and an end of course monograph, with a theme concerning the construction of children's narratives based on the use of letters written by children and addressed to the researcher. We highlight the importance of inquiries regarding childhood being developed based on a diverse methodological composition, seeking openness and protecting the child's place of protagonism, as it encompasses their different forms of expression, such as playing, writing, the body's surface, words and images.

Keywords: narrative; child; psychoanalytic research; photo ethnography; school.

La recherche psychanalytique comme méthode d'investigation dans le champ des enfances

Résumé. Nous nous proposons de discuter les défis de conjuguer la recherche psychanalytique dans le champ des enfances, à partir de découpages de l'arrangement méthodologique de deux recherches académiques: une dissertation de maîtrise, dont le thème était la construction de narratives en images en rapport au jouer, réalisées par les enfants eux-mêmes; et une monographie de conclusion de cours, de thème impliquant la construction de narratives infantiles à partir de l'utilisation de lettres écrites par les enfants et adressées à la chercheuse. Nous relevons l'importance selon laquelle des investigations sur les enfances soient développées à partir d'une composition méthodologique diversifiée, cherchant une ouverture et préservant le lieu de protagonisme de l'enfant, dans la mesure où elle contemple ses différentes formes d'expression, comme celle du jouer, de l'écriture, de la surface du corps, du mot et de l'image.

Mots clés: narrative; enfant; recherche psychanalytique; photoethnographie; école.

O conhecido trabalho de Philippe Ariès (1978/2015) é um marco nos estudos sobre a infância que situa a posição da criança e o seu lugar no laço sócio-familiar até o século XIX. Embora sua pesquisa seja um recorte geográfico que contempla o território europeu, serve de base para uma importante discussão a respeito do assunto. No Brasil, os estudos de Del Priore (2015) mapeiam as especificidades da criança e da infância nesse contexto. Nessa perspectiva, a chegada dos portugueses ao Brasil e a implementação da lógica colonial escravagista moldaram histórica e socialmente os ideais de “infância” e “criança”, marcados pela exploração do trabalho e o abuso sexual infantil.

No terreno histórico da ciência, o não reconhecimento da criança como sujeito de direitos produziu, por consequência, o não reconhecimento da criança enquanto sujeito de pesquisa capaz de alcançar um lugar de protagonismo diante da produção científica. Embora essa condição já tenha sido transformada com o avanço de novos estudos e com o advento que marca o tempo das infâncias e da criança a partir de um outro lugar na cultura, ainda se encontram obstáculos na produção de pesquisas e nas metodologias que buscam um trabalho com as infâncias e com a criança.

As limitações em pesquisas dessa natureza podem ser de origem variada, como, por exemplo, a privacidade da criança e os aspectos que envolvem a autorização da mesma para a elaboração dos trabalhos. Outras limitações também se encontram na fronteira entre o que diz respeito ao adulto, neste contexto, responsável pela criança, e o que seria pertencente à própria criança, uma vez que o trabalho fala dela e faz uso de suas expressões para firmar-se enquanto

produção científica (Kramer, 2002). Nesse sentido, entendemos que a escolha metodológica na pesquisa com a participação de crianças deve acolher variadas formas de expressão, buscando o uso de recursos diversos, tais como a fotografia, vídeos, desenhos, conversas e brincadeiras. Uma vez que as crianças não se expressam apenas por uma única via, igualmente o caminho da escolha metodológica deve comportar um arranjo diversificado.

Destacam-se, diante disso, os estudos sociais e a Antropologia, em especial, como áreas dedicadas ao estudo e à reflexão sobre a participação da criança no campo da ciência, de forma a apresentar novas possibilidades e recursos de trabalho com essa modalidade de pesquisa. Na Psicanálise, a criança enquanto objeto de estudo aparece primeiro no interesse de Freud sobre a sexualidade infantil e a fundação do inconsciente. Na história da Psicanálise, podemos citar o Caso Hans (Freud, 1909/2015) como sendo emblemático, em que Freud acompanha a criança pela via de cartas endereçadas ao pai do menino. Embora não tenha seguido o trabalho com essa modalidade clínica, deixou o seu desejo como semente, recolhida, mais tarde, principalmente por duas figuras de destaque nesse cenário: Anna Freud, sua filha, e Melanie Klein, psicanalista inglesa, que puderam, a partir desses restos, inaugurar e elaborar um trabalho clínico com as crianças.

O ingresso do discurso psicanalítico no espaço acadêmico das universidades possibilitou que o saber da Psicanálise se articulasse para além do consultório, preservando o rigor técnico-metodológico já organizado por Freud. Eixos como o do Inconsciente e o da Transferência, por exemplo, apoiam os trabalhos de pesquisa, assim como sustentam o trabalho clínico. O trabalho com a Psicanálise, mesmo na condição de método de investigação ou pesquisa na produção acadêmica, também está orientado em um campo de linguagem e, portanto, aquilo que se apresenta como possibilidade narrativa, de escuta ou intervenção, durante o desdobramento do trabalho, pode ser acolhido e considerado.

A pesquisa psicanalítica, importante construção/reflexão que veio a ser um recurso metodológico e de interpretação em estudos acadêmicos, foi o que serviu como base para dois trabalhos que serão apresentados neste artigo, cujo objetivo é discutir os desafios de conjugar a pesquisa psicanalítica no campo das infâncias. Para isso, apresentaremos recortes do arranjo metodológico de duas pesquisas acadêmicas: uma dissertação de mestrado¹, em que o tema foi a construção de narrativas em imagens a respeito do brincar, a partir de fotografias realizadas pelas próprias crianças num ambiente escolar; e uma monografia de conclusão de curso de Psicologia², cujo tema envolveu a construção de narrativas infantis acerca de assuntos variados, também em ambiente escolar, a partir do uso de cartas escritas pelas crianças e endereçadas à pesquisadora.

Contextualizando a investigação sobre as infâncias

Apesar da estima conquistada no interior do círculo social a partir do século XIX, por bastante tempo a criança continuou sendo reconhecida como alguém incapaz de contribuir para a elaboração de novos saberes. Regida por essa concepção, ela era encarada como alguém que

¹ Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Feevale (CAAE n. 71444217.7.0000.5348).

² Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Feevale (CAAE n. 04424818.0.0000.5348).

nada sabia *a priori*. A infância, por muito tempo, foi tomada como um desperdício, sob a justificativa de que as crianças, em razão de serem muito limitadas intelectualmente e não dominarem determinadas habilidades, não serviam nem para o trabalho, nem para contribuírem financeiramente com as suas famílias.

Apesar do reconhecimento de que o *sentimento da infância* teve início aproximado no século XVII, foi somente ao longo do século XIX que houve a inauguração de uma transformação efetiva nesse cenário, resultante das novas concepções acerca da criança que, por consequência, cederam um novo lugar para as infâncias. Diante das novas transformações culturais, políticas e sociais, a criança foi ganhando gradativamente um espaço novo frente ao adulto e ao Estado, uma vez que a preocupação com o seu cuidado e bem-estar passaram a ser pautas significativas não somente para pais, mães e/ou cuidadores, mas também para programas governamentais e de políticas públicas. Cuidar de uma criança tornou-se, pouco a pouco, uma responsabilidade coletiva que foi envolvendo tanto a família como as instituições escolares e a sociedade em um todo. Desvinculando-se das teorias que previam o determinismo biológico, a criança passou a ser compreendida a partir de novas perspectivas, ganhando um estatuto social e obtendo mais autonomia enquanto sujeito de direitos.

No bojo de um entusiasmo *princeps*, orientadas por uma curiosidade inicial, áreas como a dos estudos sociais, e a própria Psicanálise, por exemplo, contribuíram para um rompimento conceitual acerca das infâncias, sobrevivendo a partir de seus construtos teóricos e pelas experiências possibilitadas por suas práticas. As transformações culturais, nesse sentido, também colaboraram para o surgimento de novas formas de olhar para as crianças, produzindo, por sua vez, interferências na natureza das infâncias (Corsaro, 2011).

Embora a visão que confere à criança um lugar passivo e de não-saber sobre si e o mundo já tenha sofrido positivas alterações durante o decurso sócio-histórico, ela ainda é presente na atual conjuntura cultural, sobretudo entre o senso comum. A ciência moderna, fundada enquanto produto da articulação entre experiência e conhecimento, também participa de tal compreensão a respeito da criança, tornando a sua participação no contexto científico secundária, de forma a centralizar a figura do adulto.

As tentativas de “compreender” a criança, não raramente, pouco são atravessadas pela escuta da própria criança, considerando a monopolização da presença e opinião adultas nesse contexto. Assim, muitas vezes, escutar aquilo que ela tem a dizer equivale a escutar o que os adultos têm a dizer sobre ela, de forma a identificar esse adulto como uma espécie de intérprete, como se o acesso à infância e ao saber infantil se desse exclusivamente pela via do conhecimento.

A pesquisa no campo das infâncias

A pesquisa com as crianças ainda se caracteriza como um trabalho assentado sobre um terreno de superfície arenosa, o que eleva a complexidade do assunto, provocando a todo momento o surgimento de novos interrogantes. Dentre as preocupações, está a busca por um caminho possível para o rompimento do lugar inerte ao qual são constantemente endereçadas, com o objetivo de atribuir a elas uma nova posição, certamente mais ativa que não lhes encare apenas como objetos de investigação e análise, passíveis de serem procedidas por um adulto (Martins Filho & Barbosa, 2010).

O trabalho de escuta da voz da criança é recente e exige que o pesquisador a interpele desde um outro lugar, respeitando as suas diferentes formas de se expressar. Para Sarmento e Pinto (1997, p. 78), “o estudo das realidades da infância com base na própria criança é um campo de estudos emergente, que precisa adotar um conjunto de orientações metodológicas cujo foco é a recolha da voz das crianças”. Além dos recursos técnico-metodológicos, o pesquisador precisa adotar uma postura flexível, receptiva, de forma a não sobrepor o seu olhar ao dela.

Muito embora a criança já seja considerada um sujeito de pesquisa que possui experiências e saberes importantes a serem compartilhados, ela segue sendo impedida de exercer o protagonismo que lhe é de direito em alguns trabalhos cujos temas lhe são pertencentes. Kramer (2002, p. 51) converge com essa ideia ao comentar que:

(...) embora os estudos transcrevam seus relatos, elas permanecem ausentes, não podem se reconhecer no texto que é escrito sobre elas e suas histórias, não podem ler a escrita feita com base e a partir dos seus depoimentos. As crianças não aparecem como autoras dessas falas, ações ou produções, permanecem ausentes.

Aliada à questão da invisibilização, uma série de fatores se apresentam como impasses no desenrolar da trama que contornam as pesquisas e que envolvem desde a idade da criança, por exemplo, até questões socioculturais e uso de recursos adequados para o acesso às narrativas das suas histórias. Há de se considerar, também, os desafios éticos que atravessam as investigações que envolvem crianças como algo que precisa ser objeto de mais discussões.

Assim, algumas das limitações presentes em pesquisas dessa natureza dizem respeito à privacidade da criança, bem como aos aspectos que envolvem a autorização da mesma para a elaboração dos trabalhos. Kramer (2002) propõe alguns questionamentos sobre a dimensão das fronteiras entre o que é cabível ao adulto, responsável pela criança nesse contexto, e o que é pertencente à própria criança, tendo em vista que o trabalho lhe convoca diretamente, fala dela e faz uso de suas expressões para firmar-se enquanto produção científica. Obtém-se, desse modo, a construção de um trabalho que interpela constantemente o pesquisador, no sentido de provocar que ele reveja o seu lugar a fim de buscar a melhor maneira de trabalhar com a criança.

Isso demonstra o quanto as pesquisas que possuem esse caráter são muito delicadas e desafiadoras, à medida que não suportam o uso de uma única via para definir caminhos e obter respostas. Para que se possa construir investigações com a criança e a respeito dela, é necessário cercar-se de múltiplos elementos que se referem desde questões da ordem da subjetividade até aspectos do contexto e da cultura nas quais a criança está inserida. Autores implicados com o tema, como James e Prout (2015), acreditam que variáveis como gênero, idade e classe social, também, precisam sempre ser incluídas em pesquisas que versam sobre as infâncias. Isso significa que as interpretações e análises empreendidas pelo pesquisador devem ser consideradas sob uma perspectiva interseccional.

O trabalho com a participação de crianças deve estar sustentado pelo uso de recursos que viabilizem o contato com o outro, de forma participativa, “(...) atendendo à alteridade e diversidade, e incluindo o debate ético sobre a produção de saber sobre os mundos sociais da infância” (Soares, Sarmento & Tomás, 2005, p. 50), no sentido de alcançar as muitas vozes das crianças, sobretudo aquelas que são silenciadas constantemente pela norma social. Desse modo, destacamos a importância do uso de recursos variados, como fotografia, vídeos, desenhos, conversas e brincadeiras, uma vez que as crianças não se expressam apenas por uma única via, mas por meio de múltiplos caminhos (Pires, 2007).

Transformar a forma de abordar a criança no processo de pesquisa implica uma discussão pautada em aspectos sutis, compreendendo as diferentes tramas discursivas nas quais se encontram possibilidades narrativas, incluindo o sujeito na experiência. A arte, nessa perspectiva, aponta um caminho possível na constituição de modo(s) de olhar e sentir, à medida que lança o sujeito à possibilidade de realizar e realizar-se através dela. Atualizam-se, assim, novas expectativas para o reconhecimento das infâncias, renovando as concepções históricas acerca delas.

A psicanálise e a pesquisa psicanalítica

Freud fundou um método clínico de trabalho que aponta para uma subversão do sentido previamente concebido, fazendo suceder um descentramento do mesmo. Enquanto fundador de um discurso, isto é, a Psicanálise, ele introduziu uma questão fundamental acerca da estrutura da verdade da ciência. Mostrou que há uma estrutura Outra que tanto duvida quanto pensa e que não pode ser completamente assimilável no domínio da linguagem. O objeto de estudo sobre o qual Freud repousou a sua curiosidade, qual seja, o Inconsciente, não se orienta pelo conhecimento, tampouco é forjado por ele, demonstrando, assim, que é de outro saber que se trata. Essa discussão se faz presente sobretudo no trabalho com os sonhos, em que a dimensão da dúvida é posta em primeiro plano.

Apesar do esforço e do desejo de que a Psicanálise se juntasse à ciência, Freud não estava interessado em transformá-la em um campo de saber cujo acesso só era possível através de técnicas rígidas, tampouco que ela se tornasse mera especialidade médica. Por isso, se pôs a trabalhar com os “resíduos” das produções humanas, como os sonhos, os lapsos e a própria fala, ou seja, com tudo aquilo que não interessava à ciência de sua época.

A Psicanálise, enquanto discurso, reintroduz na ciência o Nome-do-Pai, reafirmando a condição não-toda da verdade (Lacan, 1969-1970/1992) e mostrando que ali não há sujeito, ao mesmo tempo em que há, uma vez que é preciso um sujeito tanto para duvidar quanto para formular a dúvida. O conceito de *sujeito*, introduzido por Lacan (1964/2008), nos faz avançar naquilo que toca o trabalho de Freud, uma vez que o sujeito da ciência é o sujeito da Psicanálise, ainda que por um paradoxo. Em uma lição do seminário XI, Lacan (1964/2008, p. 51) afirma: “Lá onde estava o *ich* – o sujeito, não a psicologia – o sujeito deve advir”. O sujeito do inconsciente, portanto, advém justamente pela dúvida que se imprime, instaura e funda em algum Outro lugar. É por uma operação de corte, que faz surgir uma hiância, um furo, que ele advém.

No texto sobre a *Weltanschauung*, Freud (1933/2010) trabalha com a ideia de que a Psicanálise não é uma visão de mundo, uma vez que faz operar um furo no saber, abrindo o caminho para o equívoco, para os pontos de fratura e, portanto, para a impossibilidade de uma leitura totalizante do Real. A respeito disso, Lacan (1964/2008, p. 33) afirma que “[...] o *um* que é introduzido pela experiência do inconsciente é o *um* da fenda, do traço, da ruptura”.

Portanto, nos cabe entender que o saber da Psicanálise não é um saber que visa explicar tudo, tampouco pode ser equiparado com o conhecimento, pois se trata de um saber insabido, tributário do inconsciente e produto da disjunção estrutural entre *saber e verdade* (Lacan, 1969-1970/1992). Ao convocar os seus analisandos a associarem livremente, Freud alicerça a prática

da Psicanálise numa relação entre falantes, cujo invólucro do ser é a linguagem. Na retomada do campo freudiano, Lacan (1955-1956/1988) situa o lugar da Psicanálise ao lado de uma *ciência da linguagem* habitada pelo sujeito, no qual a palavra, enquanto podendo sustentar o *locus* da alteridade, tem função e lugar de prestígio. De maneira paradoxal, portanto, a Psicanálise se situa e não como uma ciência, uma vez que a última define a sua ideia de verdade baseada numa correspondência direta com a realidade, fazendo declinar a dimensão subjetiva e subtraindo a dimensão do equívoco e das ilusões.

No que se refere à presença da Psicanálise na Universidade, Freud (1919/2010) não era um opositor dessa ideia e se dedicou, em um texto específico, a sopesar, cuidadosamente, quais poderiam ser os efeitos disso para a Psicanálise, especialmente no que isso toca a questão da formação dos analistas, e pelo perigo de uma adjeção da Psicanálise com a Medicina. A questão parecia residir, conjuntamente, sobre a possibilidade do exercício da Psicanálise nos contextos institucionais, o que mais tarde veio a acontecer.

De fato, atualmente, nos deparamos com o significativo avanço e ganho de espaço gradativo da Psicanálise no território das universidades e demais instituições – especialmente como parte da formação de psicólogos. A introdução da Psicanálise no espaço das universidades, particularmente nos cursos de Psicologia, permitiu a criação de um trabalho com o desenvolvimento de pesquisas, oportunizando avanços importantes. Nesse sentido, compreendemos que engendrar uma discussão sobre as especificidades do método psicanalítico torna-se indispensável para que continuemos atentos ao rigor proposto por Freud e às suas preocupações.

Em Lacan, podemos demarcar uma distinção fundamental entre a Psicanálise e o método psicanalítico, a partir das concepções clínicas, em um sentido restrito de tratamento, e das concepções de investigação científica:

A psicanálise só se aplica, em sentido próprio, como tratamento e, portanto, a um sujeito que fala e que ouve. Fora desse caso, só pode tratar-se de método psicanalítico, aquele que procede à decifração dos significantes, sem considerar nenhuma forma de existência pressuposta do significado (Lacan, 1998, p. 758).

A pesquisa psicanalítica – conforme nos referimos em nosso estudo, ou a pesquisa com o método psicanalítico – para estarmos mais afinadas com Lacan, comporta uma dimensão analítica, não em seu sentido restrito, de tratamento clínico, mas no que diz respeito aos eixos do Inconsciente, da Transferência, da leitura-escuta e dos efeitos terapêuticos (Figueiredo & Minerbo, 2006). O que irá diferenciar ambas, Psicanálise e método psicanalítico, é o destino dado ao trabalho com estes eixos. Na Psicanálise enquanto método clínico de tratamento, busca-se a dissolução da transferência e opera-se na polissemia das palavras, a partir de uma escuta que produz cortes. Já, na pesquisa psicanalítica, o trabalho se dá em um outro manejo transferencial, a partir da transferência instrumentalizada com vistas à produção de um texto metapsicológico e da leitura dirigida pela escuta (Iribarry, 2003).

Nessa perspectiva, Caon (1994) nos apresenta a ideia de uma situação psicanalítica de pesquisa (SPP) que deve ser analisada a partir da situação psicanalítica de tratamento (SPT), posto que é dela que extrai seu método. Consideramos importante salientar que, em se tratando de pesquisa psicanalítica ou pesquisa com o método psicanalítico, a presença do psicanalista como tal é uma exigência ética inegociável, posto que o pesquisador psicanalítico está em atividade analítica, no sentido de que ocupa uma posição de implicação transferencial.

Dispensar essa exigência significaria, como efeito, uma relação objetiva de investigação em que o entendimento teórico estaria descolado do método, resultando em uma produção ideológica (Figueiredo & Minerbo, 2006).

Sabemos, sobretudo com Lacan, que a Psicanálise enquanto discurso possui plenas condições de articular-se além das práticas em intensão, à medida que tem recursos para efetuar uma extensão sobre outros campos do saber (Lacan, 1967/2003). Contudo, trazemos à lembrança as palavras de Poli (2009, p. 42), ao nos apontar que a pesquisa com o método psicanalítico “se pauta pelos mesmos critérios éticos e epistêmicos que dirigem o exercício clínico” constituindo “um espaço de alteridade” que marca a estada da Psicanálise nesse contexto e suas especificidades.

Se, por um lado, tudo aquilo que carrega a marca do Inconsciente nos permite uma leitura a partir da teoria psicanalítica, por outro, há as diferenças em relação à forma de a-bordar o objeto de estudo nas metodologias que buscam a Psicanálise. Isso implica considerar que, ao trabalharmos com tal teoria fora da relação analítica, ou seja, fora da relação transferencial, não estaríamos tratando nem de Psicanálise, nem de pesquisa com o método psicanalítico, mas sim, de acordo com Nogueira (2004), de pesquisa experimental. Nisso, podemos localizar as chamadas “pesquisas em psicanálise” que, em um sentido amplo, referem-se a atividades de produção de conhecimento que mantêm, com a Psicanálise, relações distintas, como, por exemplo, conceitos tomados como objeto de estudo ou de reflexão, mobilizados como instrumentos de investigação e compreensão, sem requerer um psicanalista atuando enquanto função (Figueiredo & Minerbo, 2006).

As pesquisas com o método psicanalítico, nesse sentido, estão atravessadas – tal qual o trabalho clínico – pelas manifestações do Inconsciente e, portanto, é preciso envolver também esse saber Outro que escapa à realização científica e que, restando do lado do Real, produz efeitos ao se manifestar. É importante que, no desdobramento das pesquisas, não sejam desconsiderados os princípios fundamentais que constituem o trabalho com a Psicanálise, respeitando-os sem, no entanto, ater-se duramente neles, abrindo espaço para uma invenção criativa.

Enquanto recurso de pesquisa e investigação acadêmica, o trabalho com o método psicanalítico constitui-se em importante amparo para a construção metodológica de trabalhos que envolvem a participação de crianças, à medida que permite acolher não apenas o que é da ordem do conhecimento, mas, também, o saber que manifesta o Inconsciente. Além disso, permite que a leitura daquilo que se passa no campo de trabalho, especialmente no que diz respeito às relações e às possibilidades narrativas, apoiadas no eixo inconsciente-transferência, possam ser lidas à luz dessa organização teórica. As pesquisas que envolvem crianças, quando pretendem servir-se do saber psicanalítico, também devem ser tomadas desde essa perspectiva, de maneira a considerar o uso de recursos que favoreçam um trabalho com a linguagem e com as diferentes expressões possíveis do Inconsciente. Ao dar lugar para o sujeito, o trabalho inscreve uma possibilidade de atuação sobre as realidades psíquicas e as fantasias, a partir da constituição de narrativas que operam discursiva e pulsionalmente.

A pesquisa psicanalítica como método de investigação no campo das infâncias

Como já mencionado anteriormente, a pesquisa com a participação de crianças possui uma afluência de especificidades que exigem do pesquisador uma posição outra, convocando-o não apenas ao uso da palavra, mas, também, ao uso de outros recursos. O trabalho com o corpo, a escrita, o desenho e a arte, por exemplo, constantemente precisam entrar em cena para que uma aproximação com a criança seja possível, permitindo que se tenha um acesso àquilo que são as suas fantasias e as suas vivências.

Tendo isso em vista, apresentaremos dois trabalhos acadêmicos que utilizaram, como recurso metodológico, a pesquisa psicanalítica, além do uso de narrativas como instrumento de análise e interpretação. Na dissertação de mestrado, as narrativas foram recolhidas tanto pela via oral quanto pelo uso de imagens, através da fotografia; e, no trabalho de conclusão de curso de Psicologia, foram produzidas a partir da palavra escrita, pela via de cartas que as crianças escreveram e trocaram com a pesquisadora. Tais pesquisas ilustram duas possibilidades de caminhos para discutirmos os desafios de conjugar o método psicanalítico no campo das infâncias. Ao avesso de serem orientações absolutas ou contribuições definitivas que encerrariam a discussão que pretendemos, propomos que sirvam de base para discutirmos os desafios suscitados, nas pesquisadoras, em seus percursos de investigação.

Percebemos, desde o início, que o principal desafio está localizado no constante obscurecimento das vozes das crianças e de seu saber sobre suas infâncias em situações de pesquisa. Ainda que estejamos presenciando movimentos que se dispõem a incorporá-las como “participantes da pesquisa”, o desenvolvimento de metodologias e procedimentos que as incluam como sujeitos participantes do processo têm se mostrado uma prática complexa. Conforme nos apontam Martins Filho & Barbosa (2010, p. 10), tais metodologias e procedimentos “direcionam-se a colher das crianças – por meio de suas vozes – o material empírico necessário às suas análises”, de forma a aprofundarmos o saber “sobre a infância a partir das indicações das crianças, falar e ouvir sobre as experiências da infância e interpretá-las com a participação das mesmas”. Tal prática implica uma posição ética de rompermos com a dinâmica de adultocentrismo na qual, tradicionalmente, o saber da criança sobre sua infância é sobrepujada por concepções advindas dos adultos que ocupam determinadas posições, tais como na família, na escola, no Estado e, também, na Universidade.

Diante disso, apresentaremos os recursos metodológicos utilizados, no sentido de possibilitar que a dimensão psíquica das crianças fosse escutada, a partir das suas próprias vozes. Assim, cabe ressaltar que intencionamos, em nossas pesquisas, a não reprodução de tal obscurecimento, mas, ao avesso, trazê-las para a posição de protagonista.

No caso da dissertação de mestrado (Machado, 2017), o desenvolvimento da pesquisa deu-se no espaço de uma escola e precisou ser realizado em diferentes etapas que envolveram desde uma primeira aproximação com a escola, para conhecer o espaço, até uma contiguidade com a equipe diretiva do local, o trabalho com os responsáveis, e posteriormente, também, com as próprias crianças. O tema da pesquisa foi o brincar e o objetivo do trabalho era possibilitar às crianças a construção de narrativas a respeito do assunto, empregando tanto o uso de palavras quanto de imagens, através da fotografia e da experiência etnográfica e fotoetnográfica. No total, 10 crianças participaram dessa pesquisa, com idades entre seis a oito anos. A escola onde

a pesquisa foi desenvolvida está localizada numa zona de vulnerabilidade social, em uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre.

Num primeiro momento de organização desse arranjo metodológico, elegeu-se a Etnografia como recurso para o trabalho de campo, concedendo à pesquisadora uma oportunidade de conviver com as crianças diretamente no ambiente onde elas já estavam plenamente adaptadas – que nesse caso era a escola onde elas estudavam. O segundo recurso metodológico que veio a ser incluído no trabalho foi a Fotoetnografia, considerando o uso da fotografia como possibilidade narrativa. A proposta era de que as crianças fotografassem o que para elas, no espaço da escola, parecia ser o brincar. Para a efetivação desta etapa do trabalho cada criança ganhou, emprestada da universidade onde a pesquisadora cursou o mestrado, uma máquina fotográfica e um tempo de 30 minutos para circular livremente pela escola.

O trabalho de Bateson e Mead (1942), a respeito das crianças balinesas, foi uma produção inaugural no que se refere à Antropologia Visual e à utilização da imagem como um instrumento de apropriação e compreensão cultural. Por meio de imagens, foi possível preservar todo um conjunto de documentos inestimáveis sobre costumes e culturas variadas, dando permissividade ao pesquisador no acesso, re-acesso e compartilhamento do material auferido. Muito além das questões operacionais que envolvem a captura de imagens, a fotografia funciona como uma espécie de extensão do olhar, articulada diretamente com a dimensão subjetiva.

Para designar o uso da fotografia como método de pesquisa, Achutti (2004) cunhou o termo *Fotoetnografia*. Para o autor, fotografar é uma outra maneira de narrar, que permite captar e transmitir aquilo que não é compreendido de forma consciente no plano linguístico. No entanto, um leitor atento à escrita encontrará em sua produção uma ponderação importante: na Fotoetnografia as imagens não podem servir como apêndice do texto, uma vez que devem produzir, por si mesmas, uma narrativa. Para o autor, a organização das fotos escolhidas deve apresentar uma narrativa em sequência, em caráter de associação, que prevê a contação de uma história.

No caso da pesquisa de mestrado (Machado, 2017), o recurso fotográfico foi relevante, visto que permitiu às crianças construírem diferentes narrativas a partir das imagens que elas produziram, e que posteriormente foram “analisadas” junto com a pesquisadora. A etapa de análise das fotos foi a penúltima do trabalho de pesquisa e foi organizada da seguinte maneira: houve um momento da pesquisadora com as crianças em que todas as fotos registradas por elas foram transmitidas em uma televisão, no espaço de uma sala de aula da escola. Esse momento permitiu que elas, além de verem as suas próprias imagens e a de seus pares, também falassem a respeito das suas produções e das produções dos seus colegas.

Enquanto as imagens eram transmitidas na televisão, as crianças faziam comentários, contavam histórias, lembravam de cenas familiares, com amigos e colegas, a-bordando, através de suas narrativas, diferentes aspectos concernentes à temática do brincar. Posteriormente, alguns recortes dessa conversa, tramada a partir do encontro com as crianças, serviu como base para a construção de diferentes categorias de análise na elaboração do trabalho, somado às imagens engendradas pelas mesmas e pela pesquisadora.

Por fim, para a construção das análises a respeito do que as crianças disseram e fotografaram, usou-se tanto o recurso da pesquisa psicanalítica, bem como o recurso da *Foto-elucidação*, criado pelas pesquisadoras britânicas Mason e Tiper (2009). Na pesquisa que dá origem ao

projeto, as autoras conduziram um trabalho com uma amostra de 49 crianças, com idades entre 7 e 12 anos, entregando-lhes máquinas fotográficas descartáveis para que registrassem pessoas, coisas ou lugares que fossem importantes para elas - ou que as fizessem lembrar de pessoas especiais (Mason & Tipper, 2009). Essas fotos, junto com outras atividades que envolveram a pesquisa, somado a entrevistas com alguns responsáveis pelas crianças, compuseram o escopo dos dados coletados nesse trabalho, que buscou entender a rede de relações das crianças pesquisadas.

Para um segundo momento da pesquisa, as autoras utilizaram rodas de conversa com as crianças, as convocando a falarem sobre as suas fotos numa linguagem acessível. Na experiência de pesquisa de mestrado, o uso desse recurso serviu de inspiração e permitiu que as crianças construíssem suas próprias narrativas a respeito do brincar. O recurso metodológico da Foto-elucidação veio para compor a construção do arranjo metodológico da pesquisa, contribuindo, assim, para um alargamento das possibilidades de análise. A construção metodológica assim disposta permitiu que as crianças assumissem um lugar de protagonismo no trabalho, uma vez que a autoria das fotos, junto com as suas narrativas, foram devidamente identificadas no trabalho.

Assim como na dissertação de mestrado, a pesquisa da monografia de conclusão de curso (Wecker, 2019) ocorreu no espaço escolar. O primeiro contato teve como objetivo uma aproximação com a escola e com os professores, a fim de apresentar a proposta, familiarizar-se com o espaço e compreender a dinâmica das aulas. Com essa aproximação em curso, a pesquisadora pôde voltar sua atenção para o encontro com as crianças e para o processo de formação de vínculo com as mesmas. No total, 16 crianças com a idade de nove anos participaram dessa pesquisa. A escola onde o trabalho foi desenvolvido localiza-se num bairro nobre de uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre. Os responsáveis pelas crianças foram contatados através de cartas a eles endereçadas. Optou-se por tal recurso tendo em vista o destaque que as narrativas e as cartas ocuparam nesta pesquisa.

A temática do trabalho circunscorreu em torno dos desejos de saber no período da latência, vinculado ao desejo de que se pudesse conceder um lugar de protagonismo para as crianças. Assim, trabalhou-se no sentido de proporcionar a elas um espaço em que pudessem falar de si mesmas, sobre suas vivências e inquietações, através do recurso narrativo, resultando na produção de questões em cartas escritas à mão, que posteriormente foram endereçadas à pesquisadora.

O recurso utilizado trata-se de um dispositivo metodológico intitulado "Correspondência", elaborado com o intuito de acessar, compreender e analisar alguns pontos da construção narrativa das crianças, o que resultou na produção de questões por parte delas. Tais questões permitiram à pesquisadora fazer uma relação com a concepção acerca do *desejo de saber*, uma vez que fragmentos desses desejos emergiram nas correspondências e compuseram as suas narrativas. Nesse sentido, a proposta era de que as crianças construíssem perguntas livremente, sobre qualquer assunto, acompanhadas de uma breve explicação sobre elas, em formato de cartas escritas à mão. A pesquisadora, por sua vez, leu cuidadosamente as questões de cada uma das crianças e, apoiada no campo transferencial, construiu respostas que foram escritas igualmente à mão e re-endereçadas a cada uma das crianças. De modo geral, as questões circularam em torno de medos, relacionamento familiar e curiosidades científicas, o que, *a posteriori*, puderam ser lidas enquanto relativas ao Complexo de Édipo e à latência.

Esse instrumento foi idealizado com inspiração na atuação de duas psicanalistas francesas, Françoise Dolto e Claude Halmos. Os trabalhos de Dolto para a psicanálise infantil dizem respeito a uma das grandes conquistas do século XX, que contribuíram para a alteração na representação a respeito do que é a criança. Ao trabalhar com a complexidade do psiquismo infantil e com o papel desempenhado pelos adultos na constituição do mesmo, além da importância dada aos acontecimentos da infância, Dolto (1982, 1987/2002) pôs em pauta o desejo e a história das crianças. Afastando-se do uso de uma linguagem técnica, entrevistou através dos meios de comunicação a partir de uma fala clara, buscando que as pessoas se conscientizassem sobre a importância da infância. Assim, em 1976, disseminou a Psicanálise em um programa de rádio, intitulado “Quando o Filho Aparece”, respondendo cartas de adultos e crianças. Inspirada pelas contribuições e pelo pensamento de Dolto, a psicanalista francesa Claude Halmos, em 2006, deu início a uma coluna na revista *Psychologies*, o “Correio das Crianças”, respondendo às perguntas de pais, crianças e adolescentes. Em 2014, lançou o livro “Como ouvir as crianças”, no qual, a partir dos principais temas defendidos por Dolto, explicou a importância de se pôr a escutar as crianças e a falar à altura delas (Halmos, 2014).

Para compor a organização metodológica dessa pesquisa, foi utilizado um diário de campo que foi subsidiado pelas observações participantes realizadas. Ao total, foram realizados cinco encontros. Os três primeiros tiveram como objetivo a formação de vínculo com as crianças, sendo o quarto encontro o momento em que foram produzidas as cartas, através do instrumento “Correspondência”. Nessa etapa, cada carta foi colocada, pela criança, em um envelope lacrado, para ilustrar a ideia de um “segredo endereçado” à pesquisadora. Após a análise e a construção das respostas, marcou-se um quinto encontro que contou com a entrega e a devolutiva das cartas que a pesquisadora escreveu. Tais cartas foram lidas individualmente para quem a escreveu e, em seguida, houve um momento de conversa entre cada criança e a pesquisadora. Por fim, elas levaram consigo suas cartas-resposta, também guardadas em um envelope.

Nesta pesquisa, a *Erfahrung* foi elegida, a princípio, no sentido de uma aposta, e *a posteriori*, recolhida como efeito, ocupando função organizadora da construção metodológica deste trabalho. Trata-se de um conceito benjaminiano acerca da experiência enquanto matéria extraída da tradição, vinculada à História, à cultura, à vida privada e à coletiva, não se constituindo a partir de dados racionalizados e isolados, fixados na memória, mas sim de narrativas acumuladas, ficções que convergem em nossa memória (Benjamin, 1933/2019). A *Erfahrung* presentificou-se, assim, em dois momentos distintos, pois, ao mesmo tempo em que estava presente, enquanto esforço e aposta, não estava, era um porvir e seria incluído num *só depois*, resgatado como efeito de tal aposta.

A pesquisadora, em sua função, carregou consigo o esforço de ocupar um lugar semelhante ao do *flâneur*, descrito por Benjamin (1934-1939/2019) como uma espécie de catador de restos que, a partir daquilo que seria descartado ou negado, oferta um lugar, de forma contemplativa, para o desaceleramento, o impensável e o detalhe. Deste lugar, a pesquisadora apostou no resgate da dimensão da experiência, ao propor, através do recolhimento das narrativas, a preservação dessas ficções que habitam a memória das crianças. Nesse sentido, a pesquisadora colheu, como efeito, um valor de experiência advindo de seu trabalho, ao apostar nas possibilidades narrativas. Assim, fez algo com o que recolheu dessas memórias, para que não se perdessem, inscrevendo-as no campo da experiência.

Isso que surge como *Erfahrung* acontece por meio da leitura orientada pela escuta, pela atenção flutuante e pela transferência. Em tal leitura, a pesquisadora procurou escutar, de modo semelhante ao que ocorre no contexto clínico, possíveis lapsos e tropeços na linguagem que, nesse caso, se deram através da escrita. A transferência é o campo que sustenta e articula a escrita e a leitura, a partir da escuta e da aposta, por parte da pesquisadora, de que algo venha a se mostrar – nesse caso, sobre o desejo de saber. Assim, a partir das impressões que a pesquisadora teve a respeito do texto, atentou-se à dimensão significativa que compõe a escrita das crianças e suas construções ficcionais e, para a análise das narrativas, colocou-se a serviço de um trabalho psíquico, pois, ao responder aos questionamentos das crianças, entrevistou na transferência que se estabeleceu. Nessa perspectiva, envolveu-se na pesquisa também como participante, uma vez que, se tratando do método psicanalítico, o pesquisador está “dentro e fora”. Esse duplo lugar ocupado pelo pesquisador psicanalítico remete a uma Banda de Moebius (Lacan, 1961-1962/2003), em que o avesso e o direito são contínuos, não existindo de fato um dentro e um fora, onde as posições se misturam e se conectam.

Nessa experiência de pesquisa com as crianças, através da monografia, a confluência do recurso da escrita, junto ao processo de formação de vínculo entre a pesquisadora e as crianças, permitiu que elas confiassem seus questionamentos e construíssem suas próprias narrativas a respeito de diferentes temas e assuntos de seus interesses que fazem laço com o saber. A *Erfahrung*, elegida com o intuito de integrar e organizar o arranjo metodológico da pesquisa, possibilitou a construção das análises ao compreender os vínculos e as transferências estabelecidos entre a pesquisadora e cada criança.

Tal construção metodológica pôs a narrativa da criança em destaque no trabalho de pesquisa, solicitando-a a entrar em cena. Permitiu, ainda, que as crianças assumissem um lugar de protagonismo no trabalho, não permanecendo numa condição de subordinação em relação ao saber científico. Através da concepção de que narrar não é apenas passar uma informação, mas, antes, construir uma história que implique subjetivamente o sujeito em questão proporcionou-se um espaço para que elas mesmas falassem de suas vivências e de si mesmas. Esse protagonismo viabiliza a construção de um outro saber, psicanalítico, pois trabalha de forma contrária à captura das palavras, o que as deixaria enclausuradas. Em contrapelo, concede lugar de importância a elas e ao desejo de que falam. Essas vivências, ao serem narradas pela criança, a partir de um endereçamento, puderam ser recolhidas como *Erfahrung*, possibilitando à criança franquear passagens difíceis desse período em que subjetivamente se encontram.

Considerações finais

As pesquisas que envolvem a participação de crianças incluem especificidades que demandam do pesquisador um envolvimento diferente no decorrer do processo de elaboração do trabalho, sobretudo no que diz respeito ao uso de recursos que pretendem uma aproximação com a criança. Para além do uso da palavra, será necessário, também, que outros elementos e superfícies ingressem em cena, tal como o corpo, a escrita, o desenho, a fotografia, entre outros. Tal compreensão sugere um alerta quanto à utilização de métodos abusivamente técnicos e unilaterais que devem ser interrogados, quando não declinados, em detrimento de um trabalho mais acessível e adequado à criança. Essa forma de situar o trabalho, quando re-situa, também,

o pesquisador, possibilita que a criança alcance um outro lugar na cena, aparecendo com maior protagonismo no trabalho de pesquisa.

Parece importante, nesse caso, manter na condição de “pano de fundo” as diferenças entre rigidez e rigor, uma vez que o primeiro pode engessar o processo, acarretando uma sobreposição do “saber adulto” ou do “conhecimento científico”, frente à experiência, o saber e a narrativa infantis. Esse é um lugar, aliás, bastante comum no qual as crianças são identificadas, dispostas, muitas vezes, em assimetria diante ao domínio do conhecimento. Nesse caso, para o trabalho com as crianças, será necessária a busca por uma construção metodológica variada, em caráter de arranjo, que permita, por um lado, sustentar o rigor que um trabalho de pesquisa requer, e por outro, compreender parcialmente o universo e a linguagem infantis.

Nesse artigo, buscamos discutir os desafios de conjugar a pesquisa psicanalítica no campo das infâncias, a partir da montagem metodológica de duas pesquisas. O método psicanalítico, neste campo, mostrou-se um recurso precioso ao ser capaz de acolher não apenas o que é da ordem do conhecimento, mas, também, o saber que manifesta o inconsciente. Seu uso permite que a leitura daquilo que se passa no campo de trabalho, especialmente no que diz respeito às relações e as possibilidades narrativas, apoiadas no eixo inconsciente-transferência, possam ser lidas à luz dessa organização teórica, contemplando uma certa abertura em relação às formas de abordar e compreender as diferentes formas de expressão manifestas.

Ao considerar que as pesquisas com esse público requerem a construção de uma disposição metodológica variada, de forma a demandar o uso de múltiplos recursos, a pesquisa psicanalítica pode aliar-se na composição desse conjunto como mais uma possibilidade de leitura e intervenção. O uso de fotografias e cartas, por exemplo, fizeram parte da estruturação metodológica das duas pesquisas apresentadas neste artigo.

Em ambas as pesquisas as pesquisadoras psicanalíticas sentiram-se desafiadas a construir um caminho mais diversificado com relação à metodologia, salvaguardando, no entanto, as particularidades de cada trabalho. O empréstimo derivado da antropologia visual, da fotoetnografia e da etnografia deram corpo ao trabalho de dissertação, assim como a escrita das cartas foi a matéria que amparou a construção da monografia. O ponto de intersecção entre as pesquisas se deu justamente na utilização da pesquisa com o método psicanalítico e a partir da aposta narrativa advinda da criança: seja ela em imagem, palavra, ou a conjugação de ambas. Assim, as narrativas foram apreendidas a partir da escuta da própria criança e ocorreram de formas distintas nos dois trabalhos: na pesquisa da dissertação foi realizada uma roda de conversa (chamada aqui de foto-elucidação), em que as crianças puderam falar sobre as fotos que produziram a respeito do brincar; e, no caso da monografia, a partir das próprias cartas que as crianças escreveram e que inicialmente foram endereçadas à pesquisadora e, posteriormente, foram respondidas por ela, de maneira individual e em momentos diferentes para cada criança.

A elaboração das análises se deu de forma subsequente, alicerçada no trabalho de escuta e no campo transferencial - especialmente com base nos efeitos decantados dessas diferentes etapas mencionadas acima, em que se pôde escutar as crianças. Ressaltamos, através da escrita deste estudo, não só como a pesquisa psicanalítica pode compor a disposição metodológica de trabalhos que envolvem essa especificidade de público, como também apresentamos alternativas possíveis para os desafios encontrados no processo de uma montagem metodológica, tal como o uso da fotoetnografia e das “correspondências”. Salientamos que tais alternativas são justamente isso que se propõem a ser – caminhos possíveis que desembocam

em um trabalho crítico e reflexivo no que tange à pesquisa no campo das infâncias, e não respostas definitivas que encerram essa desafiadora questão. Reforçamos, por fim, a importância de que as pesquisas que envolvem a articulação entre a psicanálise e a participação de crianças sejam desdobradas a partir de uma composição metodológica diversificada, que tenha abertura, no sentido de resguardar o lugar de protagonismo delas, contemplando as suas diferentes formas de expressão, tais como o brincar, a escrita, a superfície do corpo, a palavra e a imagem.

Referências

- Machado, I. (2017). *Poéticas do brincar na escola: a construção de narrativas entre imagens, palavras e crianças* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade Feevale.
- Wecker, A. (2019). *Cada criança é um mundo: explorando as palavras e desbravando os desejos de saber no período de latência* (Trabalho de conclusão de curso não publicado). Universidade Feevale.
- Achutti, L. (2004). *Fotoetnografia da biblioteca jardim*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Ariès, P. (2015). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC. (Trabalho original publicado em 1978).
- Bateson, G. & Mead, M. (1942). *Balinese Character: a photographic analysis*. New York Academy of Sciences.
- Benjamin, W. (2019). Experiência e Pobreza. In W. Benjamin, *O anjo da história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, pp. 83-90. (Trabalho original publicado em 1933).
- Benjamin, W. (2019). A Paris do Segundo Império na obra de Baudelaire. In W. Benjamin, *Baudelaire e a modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, pp. 9-102. (Trabalho original publicado em 1934-1939).
- Caon, J. (1994). O pesquisador psicanalítico e a situação psicanalítica de pesquisa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 7(2), pp. 147-174.
- Corsaro, W. (2011). *Sociologia da infância*. Porto Alegre: Artmed.
- Del Priore, M. (Org.). (2015). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Dolto, F. (1982). *Psicanálise e pediatria*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Dolto, F. (2002). *Tudo é linguagem*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1987).
- Figueiredo, L. & Minerbo, M. (2006). Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), pp. 257-278. Recuperado de https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017
- Freud, S. (2010). Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades? In F. Sigmund, *Obras completas, volume 8*. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 284-287. (Trabalho original publicado em 1919).

- Freud, S. (2010). Novas conferências introdutórias à psicanálise. In F. Sigmund, *Obras completas, volume 18*. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 90-188. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (2015). Análise da fobia de um garoto de cinco anos (“O Pequeno Hans”). In F. Sigmund, *Obras completas volume 8*. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 86-197. (Trabalho original publicado em 1909).
- Halmos, C. (2014). *Como ouvir as crianças: e responder às suas perguntas mais difíceis*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Iribarry, I. (2003). O que é pesquisa psicanalítica? *Ágora*, 5(1), pp. 115-138. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982003000100007>
- James, A. & Prout, A. (2015). *Constructing and Reconstructing Childhood*. Reino Unido: Routledge.
- Kramer, S. (2002). Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. *Cadernos de Pesquisa*, 116, pp. 41-49. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000200003>
- Lacan, J. (1998). Juventude de Gide ou a letra e o desejo. In J. Lacan, *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp. 749-775.
- Lacan, J. (2003). *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1967).
- Lacan, J. (2003). *O seminário, livro 9: a identificação*. Recife, Centro de Estudos Freudianos do Recife. (Trabalho original publicado em 1961-1962).
- Lacan, J. (1988). *O seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1955-1956).
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970).
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais em psicanálise (livro 11)*. (Trabalho original publicado em 1964).
- Machado, I. (2017). *Poéticas do brincar na escola: a construção de narrativas entre imagens, palavras e crianças* (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade Feevale.
- Martins Filho, A. & Barbosa, M. (2010). Metodologias de pesquisa com crianças. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, 18(2), pp. 08-28. Doi: <https://doi.org/10.17058/rea.v18i2.1496>
- Mason, J. & Tipper, B. (2009). *Children as Family Members' in Ben-Arieh*. Handbook of Child Research Sage.
- Nogueira, L. (2004). A pesquisa em psicanálise. *Psicologia USP*, 15(1/2), pp. 83-106. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642004000100013>
- Pires, F. (2007). Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica. *Revista de Antropologia*, São Paulo, 50(1). doi: <https://doi.org/10.1590/S0034-77012007000100006>
- Poli, M. (2009). Pesquisa em psicanálise. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA)*, 29. Recuperado de <http://www.appoa.org.br/uploads/arquivos/revistas/revista29.pdf>

- Sarmento, M. & Pinto, M. (1997). As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: M. Pinto & M. Sarmento. (Orgs.). *As crianças: contextos e identidades*. Braga: Centro de Estudos da Criança, pp. 9-30.
- Soares, N., Sarmento, M. & Tomás, C. (2005). Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologias participativas dos mundos sociais das crianças. *Nuances: Estudos Sobre Educação* – XI, 12(13). Doi: <https://doi.org/10.14572/nuances.v12i13.1678>
- Wecker, A. (2019). *Cada criança é um mundo: explorando as palavras e desbravando os desejos de saber no período de latência* (Trabalho de conclusão de curso não publicado). Universidade Feevale.

Revisão gramatical: Prof. Dr. Levi Nauter.
E-mail: levinauter@gmail.com

Recebido em fevereiro de 2024 – Aceito em outubro de 2024.